

Entre Sacanas e Silêncios

Publicado em 2025-04-30 19:46:16



Jorge de Sena escreveu, com sangue e sarcasmo, que Portugal era — e é — **o país dos sacanas**.

Não dos maus-viventes isolados, mas da sacanice socializada, funcional, aceite como cola da convivência nacional.

Não a exceção, mas **a regra vestida de hábito**.

Nesse país, diz Sena, a nobreza de espírito é confundida com patifaria refinada.

A justiça é vista como ingenuidade.

A bondade, como hipocrisia.

A dignidade, como um truque demasiado sofisticado até para os mais manhosos.

E passadas cinco décadas desde seu grito literário, **o diagnóstico mantém-se intacto**.

A sacanice como identidade nacional

A sacanice, em Portugal, **deixou de ser desvio.**

É currículo.

É mérito.

É via de acesso ao poder.

É a arte do contorno, da cunha, do empurrão, da aparência, da esperteza saloia — **tão aplaudida quanto trágica.**

Governos caem, partidos mudam, slogans renovam-se — mas o país continua governado por uma elite que **não é mais do que sacana em várias línguas, com gravata e verniz europeu.**

E o povo?

O povo... já nem se indigna.

Já nem se espanta.

Já normalizou a traição, o compadrio, o vazio.

Aplaudes os que "sabem mexer-se".

Vota nos que mentem com mais fluidez.

E chama de "tolo" ou "perigoso" a quem ainda acredita que **ética não é utopia.**

É isso que dói:

**não é só que o país esteja cheio de sacanas —
é que os poucos justos que restam são considerados
inconvenientes.**

Ser ou não ser?

"Ser ou não ser?", pergunta Sena, evocando Hamlet.
Mas logo recorda: "isso foi no teatro... e o gajo morreu na mesma."

Neste país, o dilema já não é existencial.

É funcional:

ser sacana ou ser sacrificado.

Ser indiferente ou ser esmagado.

E agora?

Agora... **somos nós, os que ainda escrevemos, os que ainda gritamos, os que ainda recusamos esta farsa**, que temos a obrigação de acender palavras como archotes.

Porque a única saída do país dos sacanas...

é a coragem cívica de não o ser.

Mesmo que doa.

Mesmo que sejamos poucos.

Mesmo que, no fim, morramos na mesma.

Francisco Gonçalves

(em homenagem ao poeta e escritor Jorge de Sena)

Créditos para IA, DeepSeek e ChatGPT (c)

Imagem cortesia de OpenAI (c)

Visita a Biblioteca de Fragmentos